

Crônicas SOBED

45 Anos
SOCIEDADE
BRASILEIRA DE
ENDOSCOPIA
DIGESTIVA

CONCURSO CULTURAL

AGULHA AFIADA

Por Dr. Carlos Dimas de
Carvalho Sousa



AGULHA AFIADA

Este texto não existiria, se não houvesse um grande hospital às margens de uma famosa lagoa, numa cidade maravilhosa, com aparelhos de endoscopia que me seduziram e alumiararam novas e recônditas fronteiras do conhecimento, diversas daquelas que pretendia buscar como pneumologista. Naquele hospital, pessoas e mestres generosos aquiesceram e ajudaram a construir meu aprendizado, permitindo que viesse exercer a especialidade de endoscopia digestiva em Teresina, cidade que me acolheu e onde ainda vivo. Lá se vão 40 anos!

A história me deixa reflexivo e me detenho aqui e ali, em memórias, tanto mais vívidas quanto mais me aproximo das urgências e hemorragias que muito me atraíam e desafiavam. Por elas transitei em quase todos os hospitais, por vezes carregando uma maleta com um gastroscópio e uma agulha.

A UTI era minha praia segura, mas transitei por serviços bem menos estruturados. Lá, o suporte sempre disponível, a consciência da técnica, os mais aquinhoados e acompanhados; e em outros lugares a gravidade, a diversidade, a comisseração e os menos favorecidos e solitários.

Me deparava com frequência com sangramentos naturalmente estancados ou de fácil solução; mas havia situações complicadas e que depois de muito estresse eram superadas e casos mais graves que minavam os limites do procedimento.

Contra hemorragias, quase sempre, uma agulha. Parafraseando o poeta, entre minha mão e o vaso sanguíneo havia uma agulha. Minha agulha! Lá no começo, até mesmo, confeccionada artesanalmente, tosca e atrevida. Aquele artefato desarticulado, longo e filiforme, me surpreendia com movimentos desconcertan-

tes, mas se tornava dócil, quase como uma extensão da minha própria mão, acertando o alvo, muitas vezes encoberto ou mascarado.

A agulha, e o que injetávamos através dela, consistiam na oportunidade e na solução. Outros recursos se tornaram cada vez mais disponíveis e eficazes para conter as hemorragias. Contudo, a agulha foi o remédio mais usado e estimado.

Permitam-me voltar ao ano de 1969. Eu havia acabado de chegar de minha cidade natal e me estabeleci em Teresina para cursar o Científico. No início daquele período, sofri uma hemorragia digestiva e fui internado em estado de choque. Àquela época contavam-se apenas com os exames baritados do tubo digestivo. Fi-los todos. Do esôfago ao reto. Permaneci 21 dias internado, em investigação e tratamento de uma possível úlcera. A evolução mudou tudo e poucos ainda conhece como era resolvido.

Vinte e cinco anos depois, atendi um colega com quadro bem parecido. Tratei o choque, estanquei o sangramento, transfundi-o e lhe dei alta em 24 horas, com prescrição para tratar a úlcera e erradicar o H. Pylori. Três dias após, aquele colega me ligou do consultório, grato pelo retorno às suas atividades. Não voltara antes ao trabalho por intransigência da mulher, que considerava um risco desnecessário. Na consulta de retorno, disse-lhe que eu havia sido seu paciente e que ele fora o médico que cuidou de mim e me deixara curado. Como era natural, ele não se lembrava. Ficamos mais amigos e sorrimos dos caprichos do destino que nos aproximou ainda mais através de nossas enfermidades e de nossas curas.

Os anos passaram e vi muita coisa entre o céu e a terra, boa parte delas através das lentes e telas dos aparelhos endoscópicos. Quando conheci a endoscopia por fibra ótica, ela muito se aprimorava e em pouco tempo daria o salto espetacular para os equipamentos eletrônicos. Daí em diante houve um desenvolvimento extraordinário, com recursos surpreendentes, de qualidade impensável, cada vez mais acessíveis.

Mesmo assim, impossível esquecer a agulha, tantas vezes usada por mim naqueles tempos, em que ajudava muitos pacientes a recuperarem a saúde. Hoje ela incorporou novas e decisivas aplicações, mas não reina como outrora, diante de tanta modernidade. Para mim, todavia, continua sendo especial, pelo que proporcionou aos doentes e por ser ainda minha companheira inseparável em todos os hospitais e centros de endoscopia onde exerço a profissão.